

362

Revista Portuguesa de História

Homenagem aos Professores

Luís Ferrand de Almeida

António de Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de História Económica e Social
Coimbra 0304

Revista Portuguesa de Historia

t. XXXVI (2002-2003)

pp. 59-72 (vol. 2)

A aclimação de plantas do Oriente e do Brasil no Real Jardim Botânico da Ajuda (1768-1808)*

JOÃO CARLOS BRIGOLA

Departamento de Historia e Centro de Estudos de Historia e Filosofia da Ciência
Universidade de Évora

1.0 académico e historiador galego José Comide Y Saavedra, viajando entre nós durante os anos de 1798 e 1801, deixou uma bem informada descrição física e política do *Estado de Portugal en el Ano de 1800* (inédita até 1893), obra que atraiu uma nunca provada acusação de relatório oficial de espionagem, entre outros motivos por surgir associada, pela data, à peninsular *Guerra das Laranjas**¹.

Certo é que o texto fica a constituir um dos mais circunstanciados e criteriosos testemunhos estrangeiros sobre a nossa realidade museológica finisecular, já que o autor logrou ser admitido em diversos gabinetes de coleccionadores privados e visitou, por igual, museus e jardins botânicos de iniciativa oficial.

* Em Homenagem ao Professor Luís Ferrand de Almeida. A propósito do seu estudo *Aclimação de plantas do Oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII*, 1975. Este texto foi adaptado da tese de doutoramento do autor, intitulada *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no séc. XVIII*, Fundação Calouste Gulbenkian /Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

¹ Cfr. Fidelino de Figueiredo, *Viajantes espanhóis em Portugal. Textos do séc. XVIII*, 1947. Um interessantíssimo livro de apontamentos, contendo também alguns debuxos, que terá servido a Comide para a elaboração da obra sobre Portugal em 1800, encontra-se depositado nos Reser-vados da Biblioteca Nacional, em Lisboa.

A estimulante leitura dos relatos de Comide pode ainda ser complementada com uma narrativa informal, povoada de pormenores preciosos, inserta nas cartas que foi enviando - ao longo do ano de 1799 - ao amigo Joseph López de La Torre Ayllón y Gallo, e publicadas já nos nossos dias por Fidelino de Figueiredo².

Ficamos assim a saber que ao emdito da Cominha foi proporcionada uma singular visita aos estabelecimentos da Ajuda por ter sido conduzido, como revela no epistolário, na carruagem do próprio Director, um italiano bem conhecido em Espanha: “Me condujo en su segia el Director Vandelli, condiscipulo y corresponsal de nuestro amigo Ortega”³.

Corria o dia 26 de Janeiro de 1799 e o nosso visitante não deixou de comparar o Jardim lisboeta com o seu congénere madrileno do Prado Viejo de Atocha, produzindo a propósito uma apreciação bastante simpática do mérito dos nossos responsáveis por apresentarem um Jardim organizado segundo critérios botânicos, dispondo de equipamentos e colecções vegetais adequados às funções didáctica e económica. Comide fazia ainda especial referência à existência de “plantas americanas”, sublinhando assim a fundamental natureza colonial do Jardim: “El Jardín dudo que ocupe una quarta parte del nostro, esta bien arreglado, hay en el algunas Plantas americanas que no tenemos alla, pero también tenemos otras de que aqui se carece”⁴. “Aunque en los jardines de Queluz, del Lumiar y de otros varios particulares se cultivan varias plantas exóticas, el mérito de serlo metódicamente está reservado al Real Jardín Botánico de la Ajuda, distribuído en varias terrazas, adornado com un invernáculo, varias calles de árboles y cuadros de flores, estanques y fuentes, y particularmente com una numerosa colección de plantas crasas, cuyo cuidado y buena conservación se deben á la inteligencia y conocimientos de los ya dichos Drs. Vandelli y Sousa [sic]”⁵.

A insuspeita opinião de Comide parece reforçar a ideia que propomos sobre o lugar privilegiado ocupado pelo Jardim Botânico na estratégia ministerial de envolver a Ajuda em actividades de carácter pragmático e utilitarista. De facto, a Coroa associou a administração colonial à componente experimental de aclimação de espécies arbóreas exóticas de várias partes do império ultramarino,

² *Apud idem, ibidem.*

³ *Cartas inéditas de Joseph Andrés Cornide y Saavedra a Joseph López de La Torre Ayllón y Gallo, apud Fidelino de Figueiredo, ob. cit., 1947, p. 46.*

⁴ *Idem, ibidem.*

⁵ *Estado de Portugal en el Año de 1800, 1893, 2º vol., pp. 86-88.* Comide trocará sempre o nome de Alexandre Rodrigues Ferreira, referindo-se a ele como ‘Sousa’.

utilizando o Jardim metropolitano como entreposto de plantas e de sementes, incumbindo-o também da produção de memórias e instruções para o seu transporte e naturalização.

2. Mesmo um botânico como Heinrich Friedrich Link (1767-1851)⁶ - tão desapiedado na avaliação científica de alguns dos nossos naturalistas - não negou a vocação de intercâmbio fitológico ultramarino visivelmente presente na organização do nosso Jardim Botânico, realçando o seu excepcional enquadramento urbanístico e paisagístico em colina fronteira ao Tejo⁷ e o clima privilegiado propício à naturalização de plantas destinadas ao Brasil e a outros territórios do Império: “Ce jardin est supérieurement bien situé. On y jouit d’une vue délicieuse, qui donne à la fois sur la rivière et sur la mer, et d’où l’on découvre, ainsi que dans le Jardin des Plantes à Paris, une grande partie de la ville. Il n’est pas vaste; les serres même y sont très peu spacieuses, mais il y a un excellent bassin pour les plantes aquatiques: sa distribution extérieure est élégante, de manière qu’il ne manque pas d’intérêt pour un botaniste. On plante dans ce jardin les végétaux qu’offre le hasard, mais on en abandonne le soin et la culture au climat, très favorable aux plantes. On y envoyé aussi au Brésil, et d’autres contrées, différents objets remarquables: on y cultivait alors plusieurs arbres à épices, afin de les envoyer au Brésil, pour les y naturaliser”⁸.

Num valioso estudo dedicado à aclimação de plantas do Oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII, Luis Ferrand de Almeida sublinha o modo como a integração daquela componente de difusão florística na política de

⁶ Este naturalista alemão formou-se em medicina e historia natural na Universidade de Gottingen (1789); professor de zoologia, botânica e química na Universidade de Rostock (1792); acompanhou a Portugal o conde J. C. Von Hoffmannsegg (1797-1799); professor de botânica e director do Jardim Botânico de Berlim (1815) (Cfr. H. A. Snelders, *H. F. Link*, 1981).

⁷ Também por essa data outro viajante, o militar inglês Francis Collins, fará idêntica apreciação: “From hence towards the queen’s gardens, and muséums near Belem, are several handsome buildings, beautiful gardens, monasteries, convents, and landscapes, situated on the shore of this majestie river. I shall confine my description to the queen’s gardens and muséums. These gardens are situated in a beautiful levei, are delightfully laid out, and form a désirable retreat during the intense heat of summer, and the shaded walks are open to the respectable public” (Francis Collins, *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypt, etc., from 1796 to 1801*, 1809, pp. 13-15).

⁸ *Voyage en Portugal depuis 1797jusqu ’en 1799*, 1803,1.1, pp. 297 e sgs. Outro viajante, o francês H. Ranque, testemunha também que: “Le jardin botanique, assez riche en plantes de l’ Afrique et du Brésil, n’a pas à beaucoup près, toutes celles du Portugal” (*Lettres sur le Portugal*, 1798, pp. 64-66).

fomento ultramarino se fica a dever ao papel desempenhado por Sousa Coutinho⁹. No entanto, a importância alcançada pelo régio equipamento botânico no desenho deste *sentido do Império*¹⁰ não surge suficientemente encarecida (provavelmente por, no desconhecimento da correspondência oficial com a Ajuda, se ter recorrido preferentemente aos textos mais divulgados de Brotero¹¹), dificuldade historiográfica que poderá ser para o futuro ultrapassada a partir da análise especializada (no âmbito da história económica e da história da colonização) do *Livro de Registo dos Decretos*, cujo conteúdo é largamente tributário desta temática¹².

De facto, as remessas de material vegetal vivo (sementes e árvores) proveniente de todas as partes do Império ocupam grande parte das *relações* registadas nos estabelecimentos régios da Ajuda e algumas são consultáveis, igualmente, na correspondência oficial depositada no Arquivo Histórico do

⁹ “(•••) seria de novo o poder central a orientar o movimento, quando o ministério da Marinha e Ultramar foi entregue ao maior estadista português da época, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, futuro conde de Linhares. Com uma clara visão da unidade do mundo português e das suas implicações e vantagens no plano económico, ia D. Rodrigo integrar naturalmente na sua política de fomento do comércio ultramarino a ideia da permuta de plantas dos diversos territórios e, em especial, o projecto da aclimação das especiarias orientais no Brasil” (Luís Ferrand de Almeida, *Aclimação de plantas do Oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII* 1975, pp. 395 e sgs.). Vide, também, L. C. Jobim, *Os jardins botânicos no Brasil colonial*, 1986.

¹⁰ Fazemos aqui obrigatória referência a um texto que deve ser sempre consultado para compreensão global deste tema: Valentim Alexandre, *Os sentidos do Império. Questão nacional e questão colonial na crise do antigo regime português*, 1988, 2 vols.

¹¹ Brotero tem sido o naturalista setecentista mais estudado, por isso apenas elencamos os estudos que o ligam à Ajuda e aos projectos de Sousa Coutinho. O mais persistente divulgador da sua vida e obra foi o botânico coimbrão Abílio Fernandes, cujos textos ‘broterianos’ se estendem desde 1944 até à década de oitenta. Outras referências: Balthazar Osório, *Algumas notas inéditas pouco conhecidas acerca da vida e obra de F. A. Brotero*, 1918; *idem*, *Um capítulo do cerco do Porto*, 1918; A. R. de Lima e J. R. Santos Júnior, *Cartas inéditas de e para Brotero*, 1944; Ruy T. Palhinha, *Obra e vida de F. A. Brotero*, 1947; A. S. Carvalho, *O abade Correia da Serra*, 1948.

¹² Museu de Ciência da Universidade de Lisboa. Também de útil consulta alguns documentos transcritos em A. P. de Lima, *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, 1953.0 periodismo agrarista revela-se igualmente uma fonte muito útil, apesar de mais difusa a sua relação com os projectos políticos em marcha. Sirva de exemplo o interessantíssimo texto inserto no jornal *Annuncios ruraes a favor da agricultura do reino, e colonias (1802)*: “Petição. Pede-se aos amadores do seu Paiz, que embarção para as Costas d’ África Occidental, e Oriental, ou aos que tem nellas connexões, e correspondencias mercantis, queirão por serviço de Deos, de S. A. R. o príncipe regente Nosso Senhor, e bem commum da Nação, mostrar-se prestadios, em beneficio da cultura, e da abundancia, trazendo, ou mandando vir, daquellas paragens os grãos, e sementes, que neste folheto se recenseão, de plantas tão interessantes, e até agora tão pouco conhecidas, ou totalmente ignoradas, a serem connaturalizadas, e climatizadas neste Reino, e Colonias, como o tem sido pela diligencia dos Antigos, a maior parte das que fazem o objecto da sua Agricultura, e Horticultura presentemente. Será réo de apathia o que se negar, ou menoscabar, podendo, huma tão justa petição”.

Museu Bocage¹³. Sirvam de bastante ilustração dois casos que, pela relevância tanto simbólica quanto económica, se apresentam como modelares do lugar ocupado pelo complexo museológico e científico da Ajuda no programa de reformismo económico delineado pelo poder absoluto em finais de setecentos - o tabaco e a canela¹⁴.

3.0 projecto de naturalização do tabaco americano da Virgínia e de Maryland no Jardim Botânico - para posterior plantação de sementes no Brasil - mereceu a melhor das atenções a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, tendo até enviado o bacharel, em Direito e Filosofia Natural, Hipólito José da Costa Pereira (1774-1823) a Filadélfia e ao México em sigilosa missão de espionagem comercial, cujo sugestivo relato será publicado, bastante mais tarde, com o título de *Memoria sobre a viagem aos Estados-Unidos (1798-1801)*¹⁵.

Da presença do nosso ‘encarregado de negócios’ na América do Norte, da sua correspondência com o Ministro e das suas remessas de produtos do reino vegetal para a Ajuda, ficou algum rasto no *Livro de Registo dos Decretos* documentando a dupla solicitude do complexo museológico régio pelo tabaco enquanto espécie natural, e enquanto produto comercial.

¹³ Neste Arquivo (Secção do Museu Nacional de História Natural, da Universidade de Lisboa) existe contudo uma dificuldade documental insuperável, já que se separaram as relações das remessas de produtos da respectiva correspondência oficial, pelo que não é possível estabelecer (quase nunca) nexos entre as listas, o seu local de origem e a data da expedição.

¹⁴ Um ofício relativo à árvore do sândalo é também revelador deste relacionamento privilegiado da Administração com o Museu: “Ao Senr. Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira remette seu Amigo e Venerador D. Rodrigo de Sousa a incluza Lata, que veio da Índia com sementes da bela Arvore odorifera de Sândalo, para que faça semear parte da mesma Semente, e ao outra a faça remetter para todas as Capitánias do Brasil; dando parte disso mesmo ao Doutor Vandelli Director do Jardim Botânico, a fim que se fação essas sementeiras; e as expedições para o Brasil com Avisos assignados por elle D. Rodrigo para todos os Governadores do Ultramar, com grandes recomendações, para que tomem muito a peito a produção desta Arvore; o que tudo espera o Senr. Doutor Alexandre faça executar, e para o obsequiar, e lhe dar gosto fica muito prompto. Hoje 14 de Dezembro de 1801” (*Livro De Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinações, que baixão ao Real Jardim Botânico, Laboratorio Chimico, Muséu, e Casa do Risco*, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, Inv. N.º 55).

¹⁵ Cfr. *Instruções para o bacharel Hipólito José da Costa Pereira (22 e 24 de Setembro de 1798)*, AHU, Reino, Maço 2147; *Cartas de Hipólito José da Costa a D. Rodrigo de Sousa Coutinho*, AHU, Reino, Maço 2663; o conteúdo da narrativa de Hipólito foi publicado em 1858 na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* e reproduz o conteúdo da carta-relatório enviada a Sousa Coutinho em 24 de Janeiro de 1801. Dados bio-bibliográficos sobre Hipólito podem ser encontrados em João Pedro Rosa Ferreira, *O jornalismo na emigração. Ideologia epolítica no ‘Correio Braziliense’(1808-1822)*, 1992.

Por exemplo, no ano de 1799, em duas ocasiões se regista a chegada de sementes (acompanhadas de carta de Costa Pereira) enviadas dos Estados Unidos com instruções ministeriais precisas quanto à sua finalidade brasileira. Curioso é o facto de também das Ilhas de Cabo Verde a administração colonial expedir para o Jardim uma porção de tabaco do tipo Virgínia “para que se faça examinar”¹⁶.

Por outro lado, o envolvimento da Ajuda na comercialização do produto aparece citado em dois momentos diferentes sendo o primeiro logo em 1795, quando ao Museu é permitido vender ao público tabaco ali depositado “para experiencias para rapé”¹⁷; e, já no ocaso da sua longa presença à frente da instituição, Domingos Vandelli mandará constar no *Livro* uma autorização para que o “Fiel do Real Museo” faça entregar “hua antiga porção de folha de tabaco, q. ficou daquella que estava no Armazém para as experiencias do Rapé, e se vendeo, a quem o Barão de Quintela¹⁸ mandar buscar, e do qual receberá 6\$400 r., e com isto acudirá na falta de pagamentos”¹⁹.

Mas, em boa verdade, a divulgação do valor para o “Comercio, Artes, e Medicina” destas espécies botânicas norte-americanas (as linneanas *Necoliana Glutinosa e Fruticozá*) remontava já ao magistério de Domingos Vandelli em

¹⁶ Cfr. *Livros de Registo dos Decretos (1802)*, MCUL.

¹⁷ *Idem (1795)*, MCUL.

¹⁸ Joaquim Pedro Quintela (1748-1817) foi feito barão em Maio de 1795, era abastado capitalista e negociante da praça de Lisboa, contratador dos Contratos Reais do Tabaco, dos diamantes, do azeite de peixe e baleia, das fábricas de lanifícios da Covilhã e Fundão. “Desde pelo menos os finais do século XVIII que o exclusivo da importação, fabrico e venda de tabaco permanecia nas mãos de um número reduzido de grandes famílias burguesas, os Cruz Sobrais, os Braacamps, os Quintelas. Em geral o governo arrendava o monopólio por triénios, prorrogáveis, em troca de uma prestação anual fixa, que os ‘caixas’ se comprometiam a dar ao Estado” (Maria Filomena Mónica, *O tabaco e o poder*, 1992, p. 7).

¹⁹ *Idem, 10 de Janeiro de 1809*, MCUL. Correia da Serra resumirá da seguinte maneira o papel desempenhado pelo Ministro na política de *naturalização* do tabaco: “Já que estou nestas materias, permita-me falar-lhe em outra importante obra, que V.Ex.^a empreheendeu para aumento de riqueza dessa monarquia, a introdução do tabaco da Virgínia no Brazil que, se sucede segundo o desejo de V. Ex.^a e o meu, há-de mudar muito a face desse grande ramo do comércio. Poderá porem acontecer que as pessoas a quem se confiasse essa cultura, lhe não escolhão os sitios e temperaturas mais favoráveis e estes sendo a causa única que ocasionou a variedade, ela degenerere e não corresponda às vistas de V. Ex.^a para o real serviço. Não entro em detalhes porque V. Ex.^a bem os conhece; mas estou informado com toda a certeza de que a Virgínia e Maryland são terrenos e temperatura aonde os pecegueiros introduzidos na Europa multiplicão e prosperão grandemente abandonados a si mesmos. (...) Os climas quentes do Brazil hão-de dar sempre tabaco forte e não pode haver mais certa medida de temperatura e terreno juntamente próprios, de que esta de Plantas Syntopicas” (Carta do Abade Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (28 de Julho de 1800, *apud* A. da Silva Carvalho, *O abade Correia da Serra*, 1948, p.134, trancs. do Arquivo da Casa de Linhares).

Coimbra, em cujas lições de História Natural terá influenciado o discípulo brasileiro Joaquim de Amorim Castro a estudá-las numa perspectiva *philosophica* e, regressado já à Capitania da Baía para ocupar altos cargos na magistratura, a cultivá-las como lavrador enviando-lhe para tanto as sementes competentes²⁰.

Será, de resto, o próprio Amorim Castro a esclarecer a origem desta paixão agrarista pelo tabaco da Virgínia em carta dirigida, em 1791, a Martinho de Melo e Castro fazendo-a acompanhar de exemplares da produção autóctone de “Folha de Tabaco”, assim demonstrando à Secretaria de Estado dos Negócios do Ultramar a utilidade de um empreendimento de garantido alicerce comercial: “Ponho na respeitável presença de V. Ex^a pelo actual Governador capitão General da Capitania da Bahia as amostras das duas especies de Tabaco da Virgínia (...) cujas sementes me enviou meo Mestre Domingos Vandelli para as fazer cultivar neste Paiz (...) E porque sobre este ramo de agricultura tenho feito todas as experiencias relativas á sua melhor perfeição sem perder de vista aquelas observaçoens que me parecem mais uteis ao estado, a fim de que merecendo approvaçãõ de V. Ex.^a se ponhão em execuçaõ qual a que ofereço no Caixote n.º 3 dos Sigarros feitos da nossa propria Folha de Tabaco, por me parecer que pode este Genero formar hum não pequeno ramo de commercio, como a V. Ex.^a he patente. As Estampas (...) mostraõ que alguma diferença tem da nossa especie, e principalmente a especie Glutinoza. Fico concluindo hum tomo com a discripçaõ Botanica de todas as especies de Tabaco que se cultivaõ neste Continente, com as observaçoens relativas á sua Cultura, Comercio, Artes, e Medicina”²¹.

A sua formação académica, moldada nos parâmetros doutrinários da *economia da natureza*, ganha visível forma quer nas *Memorias Económicas*²² quer no esquema conceptual do manuscrito aqui prometido ao Ministro e entregue, no ano seguinte, na Biblioteca do Real Museu da Ajuda em cujo Catálogo surge com a denominação de *Memoria sobre as especies de Tabaco que se*

²⁰ Obteve o grau de doutor em Leis no ano de 1783. Morreu no Rio de Janeiro a 28 de Fevereiro de 1817 (Cfr. Brito Aranha, *Diccionario bibliographico portuguez*, t. XII, p. 5).

²¹ *Carta de Joaquim de Amorim Castro a Martinho de Melo e Castro (Caxoeira, 16 de Março de 1791)*, Arquivo Histórico do Museu Bocage, Rem. 588.

²² Correspondente da A. R. das Ciências de Lisboa, publicou *Memoria sobre a cochinhila do Brasil* (t. II) e *Memoria sobre o malvaisco da villa da Cachoeira* (t. III). Desta última existia exemplar manuscrito na Biblioteca do Museu, assim identificado no Catálogo: “N. 110 *Memoria sobre o Linho que se extrahе da planta vulgarm.te chamada Malvaisco: por Joaquim d’Amorim de Castro. 1790, in 4º*” (Cfr. *Autos do Inventario a que procedeu a Comissãõ encarregada da Inspecção scientifica e económica do Jardim Botânico da Ajuda, quando foi tomar conta da Bibliotheca e Cartorio do mesmo Jardim (2 e 16 de Dezembro de 1837)*, Arquivo Nacional Torre do Tombo, Ministério do Reino, Maço 2123, “Academia Real das Ciências. Officios. 1837-1843”.

cultivão no BraziP. Aparentemente menos ambicioso no âmbito geográfico mas com semelhante estrutura na análise, o baiano tinha já elaborado alguns anos antes, em 1788, uma *Memoria sobre as especies de Tabaco que se cultivão na Vila da Caxoeira com todas as Observaçoins Relativas a Sua Cultura, fabrico e commercio, e com a breve descripção Botanica das mesmas especies*^{1*}.

4. Por vezes, a proveniência de novas espécies botânicas destinadas a plantação no Brasil - com aclimação prévia no Real Jardim Botânico - pode ser até europeia (reforçando as remessas orientais), como sucederá a partir de 1797 quando são enviadas de Londres pela mão de José Francisco Correia da Serra, a viver ali um segundo exílio. Chegando a Lisboa a um ritmo e com uma utilidade que mereceu a Sousa Coutinho um comentário sumamente elogioso na correspondência oficial com os naturalistas da Ajuda, visando talvez acicatar a emulação daqueles profissionais:⁶⁴ para que se veja o zelo, e diligencia com que se occupa [Correia da Serra] de tudo o que pode ser util à propagação dos conhecimentos”^{23 24 25}.

O Abade manteve, na verdade, uma estreita colaboração científica com o novo Ministro da Marinha amplamente documentada no caso das remessas de árvores de fruto, ervas para pasto artificial, linho²⁶, arroz de Bengala²⁷, chá,

²³ “N. 86 *Memoria sobre as especies de Tabaco que se cultivão no Brazil: pelo D. or Joaquim d’Amorim de Castro. 1792, um volume in folio manus cripto*” (Cfr. *Autos do Inventario ... ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, “Academia Real das Ciências. Officios. 1837-1843”*).

²⁴ Cfr. José Roberto do Amaral Lapa, *O tabaco brasileiro no século XVIII. (Anotações aos estudos sobre o tabaco de Joaquim de Amorim Castro)*, 1970.

²⁵ *Livro de Registo dos Decretos (1800)*, MCUL. Coincidente com a presença de Correia da Serra na capital britânica é a aquisição de material científico com destino ao Real Museu da Ajuda: “0111. mo e Ex. mo Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado manda remetter ao Senr. Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira hua Caixa com o Laboratorio Portátil, que chegou últimamente de Londres, a que vai annexo hum Hydrometro, cuja discrição se explica no Papel incluzo, o que S. Ex.^a dezeja que se concerve no Real Museo. Secretaria de Estado em 5 de Abril de 1799. Vai a cha vinha da caixa” (*Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

²⁶ “O 111. mo e Ex. mo Senr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho manda remetter ao Senr. Doutor Alexandre Rodriguez Ferreira a inc luza Copia de hum Parágrafo da Carta do Abbade Correia, que acompanhou as sementes do novo Linho descoberto na Nova Hollanda, que últimamente se enviou a S. Mee. Recomenda novamente S.Ex.^a o maior cuidado, e cautella em semear este Linho, cuja propagação poderá ser de hum grande interesse ao Real Serviço, se acaso tiver as qualidades de que faz menção o sobredito parágrafo. Secretaria de Estado em 2 de Setembro de 1800.” (*Livro de Registo dos Decretos*). A carta a que Sousa Coutinho faz referência evidencia também o relacionamento científico do Abade com J. Banks: “Aqui veio da nova Hollanda ao Governo, huma nova especie de *Linum* que cresce brava à altura de 5 pés, e mais. He mui diversa de todas as especies de linho conhecidas; a erva é groça mas para cordagens e lonas, dizem maravilhas da sua força, e flexibilidade; e athé pertendem que seja superior ao *Phormium*

louro cânfora e caneleiras, tudo genericamente designado de “Collecção de Plantas, Raizes e Sementes uteis para Portugal” e enviada em Agosto de 1798 a bordo do navio ‘Lusitania’^{27 28}.

A motivação patriótica do Secretário da Academia das Ciências de Lisboa não era, todavia, despida de interesse pessoal enquanto cultor da história natural porquanto se especializara em estudos de Carpologia (fisiologia e anatomia do fruto), publicando diversos artigos em prestigiadas revistas científicas europeias, nas *Philosophical Transactions* e *Transactions of Linnean Society*, de Londres e nas parisienses *Bulletin de la Société Philomatique* e *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle*. Donde, lhe merecer a melhor das atenções o registo experimental da germinação de plantas transpostas de um universo bio-climático a outro bem diverso, preocupação visível na recomendação ministerial que acompanha o envio de “uma caixinha de sementes” de proveniência londrina para os naturalistas da Ajuda: “(...) queira experimentar a sua germinação no

tenax da N. Zelandia, de que mandei algumas plantas a V. Ex.^a. Vieram amostras de Cordagem de linho cortido, e hum feixe de plantas. Vali-me de Sir J. Banks para ter das poucas sementes, que nellas vinhão, e estimarei muito que lá se introduza, e se prove. Será bom semear estas em Lisboa, e mandar as sementes, que delias provierem para o Sul do Brasil. Queira Deus que em Lisboa tenham boas amas” (*apud Jornal de sciencias matemáticas, físicas e naturais*, t. I, n.º 2, 1917).

²⁷ “(•••) D. Rodrigo de Sousa Coutinho manda perguntar ao Dr. A. R. Ferreira se sabe que o D.or Vandelli fizesse semear o Arroz de Bengala, e qual foi a sua produção. S. Ex.^a deo esta semente de Arros q. veio de Londres ao D.or Vandelli para q. a experimentasse, e informasse do seo rezultado (... ••) neste J. Botanico se plantou com effeito hua pequena amostra de arroz, vinda de Londres, a qual entregou o D.or Domingos Vandelli; e da referida amostra o que pode dizer, he que nasceo bem, e cresceo á altura de 2 palmos, e 1/2, mas nem por isso foi vantajoza a sua producção, tendo muitas flores abortivas; e poucas sementes, que não fossem estereis”; *Lembrete* autógrafo de D. Rodrigo: “Peço lhe q. me mande copiar o paragrapho da Resposta do D.or Alexandre p.^a a mandar ao Abade Correa. Peçolhe também q. me mande dizer quando sahe o outro Paquete” (*Correspondência entre Sousa Coutinho e A. R. Ferreira (Novembro de 1800)*, *apud* A. P. de Lima, *ob. cit.*, 1953, pp. 371-372).

²⁸ “O navio Lusitania leva uma bem formosa e preciosa coleção de plantas, raizes e sementes uteis para Portugal... São em tudo oito caixotes de plantas vivas e dois de sementes e raizes. Um caixote leva doze raizes de *Rhaponticum* e outros doze de *Rheum palmatum*. (...) O outro caixote leva dezassete sortes de sementes de plantas, que em Inglaterra se cultivam para pastos. Algumas delas crescem bravas em Portugal, mas vai tanta diferença das cultivadas, ás bravas, como das mais finas peras de pomares ás dos catapereiros do mato. (...) Passo agora a dar conta das plantas vivas, que são da maior perfeição e de cuja remessa estou não só vaidoso, mas soberbo. Vão cem árvores de chá, doze de Quifá, vinte caneleiras e cincoenta louros cânfora. (...)” (*Carta do Abade J. Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (21 de Agosto de 1798)*, *apud* A. Silva Carvalho, *ob. cit.*, 1948, p. 125 e *tranc.* in *Jornal de Sciencias Matemáticas, Físicas e Naturaes*, I.1, n.º 2, 1917).

Jardim Botânico, e participar-lhe o resultado depois, para também o transmitir ao mesmo Abade”²⁹.

5. Entretanto, como Domingos Vandelli lhe tivesse encomendado um “Rol de Plantas”, Correia da Serra fazia chegar à Ajuda um “presentinho” de sementes e sete caixas com setenta e quatro plantas de canela e de outras especiarias, acompanhadas de cuidadosas indicações técnicas sobre a sua conservação, transporte e plantação no Brasil: “Já V. Ex.^a estará entregue das Cannelleiras, das duas espécies de Chá e do Qui-fa. As Cannelleiras podem passar muito bem o Inverno nas Estufas da Ajuda, tendo o cuidado de lhe dar todo o Sol possível e de as regar com sobriedade huma vez tão somente cada semana. Pela Primavera poderão ir afoitamente para o Brasil, com outras tantas que ficaram apalavradas e que partirão de cá em Abril. Parece que Pernambuco³⁰ deve ser o clima mais congenial para ellas, onde nos primeiros annos devem ser cultivadas pelo Governo para o único fim de crescer e multiplicar tanto de Semente como de Mergulhia. (...) O primeiro navio que for lavar a huma colecção de quantos Catalogos de Jardineiros pude alcançar e hum presentinho de sementes, que eu faço a esse Jardim Botânico. Fazia tenção de lhe escrever sobre o assumpto nesta carta, mas o que tenho que lhe dizer he muito, e hirá juntamente com as sementes, como também a resposta ao Rol das Plantas pedidas pelo Dr. Vandelli”³¹.

Do Ministério da Marinha solicita-se ao Jardim Botânico que estas caneleiras sejam recolhidas e posteriormente enviadas à colónia americana ‘para tentar se alli poderão naturalizar-se’. No officio dirigido ao vice-director Rodrigues Ferreira, manda-se que os comandantes das embarcações que as hão-de transportar sejam portadores de “Instruções para o tratamento das Plantas

²⁹ *Livro de Registo dos Decretos (1802)*, MCUL. A julgar pela crítica explícita de Correia ao pouco zelo botânico de Vandelli haveria razão para a recomendação do Ministro: “Meu amigo e s.r do coração. Pelo ultimo paquete recebi a carta de V. Ex.^a de 6 d’Abril e Deus lhe pague em gostos e felicidades a consolação que nisso recebi. Estimo saber que tudo fosse do seu gosto e aprovação e sinto a noticia de que as *Laurus camphora*, se perdessem e também sinto que as sementes que eu mando, que não são de mera curiosidade botânica, mas de utilidade para o reino e colonias, passem por taes mãos como as do Sr. Vandelli. Enquanto as Camphoeiras talvez que ainda possa achar algumas e pelo proximo comboio de algum modo remediar a perda.” (*Carta do Abade Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (7 de Maio de 1799) apud* Silva Carvalho, *ob. cit.*, 1948, p. 128, transe, do Arquivo da Casa Linhares).

³⁰ Dando razão a esta opinião, chega à Ajuda uma lata com canela de Pernambuco. Manda-se guardar no Museu, informando-se que dela se retiraram amostras para se fazerem várias experiências (Cf. *Livro de Registo dos Decretos (1798)*, MCUL).

³¹ *Carta do Abade Correia da Serra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (31 de Outubro de 1797)*, AHU, *apud* A. Silva Carvalho, *O abade Correia da Serra*, 1948, pp. 117-119.

durante a viagem”, pedindo-se, por isso, que o naturalista proceda a pesquisa em livros especializados (cujos títulos se citam) sobre o modo como em Ceilão se procede à extracção da canela da árvore, e que o resultado seja remetido aos Governadores das Capitanias na forma de manual de divulgação³².

O administrador baiano desembaraçou-se deste fardo recorrendo aos bons ofícios de outro brasileiro formado em Coimbra, Manuel Jacinto Nogueira da Gama (1765-1847), também ele a exercer um cargo científico em Lisboa como lente da Academia Real de Marinha³³. Apesar de limitado pela premência do pedido, Nogueira conseguirá entregar na Ajuda o manuscrito ainda a tempo de ser publicado nesse mesmo ano de 1797, com o esclarecedor título de *Memoria sobre o loureiro cinnamomo vulgo caneleira de Ceylaõ. Para acompanhar a remessa das plantas, que pelas reaes ordens vão ser transportadas ao Brasil*³⁴, nele se desculpando por, devido à urgência, lhe não ter sido possível elaborar obra mais profunda e alargada a outras especiarias: “E como no Jardim Real se achão já promptas algumas Caneleiras, que devem ser conduzidas para o mesmo fim. (...) a brevidade do tempo, que se me concedeo, e as minhas occupações actuaes não permittiraõ, que a podesse fazer melhor, como desejava: e também tratasse d’outras preciosas especies nossas e estranhas”³⁵

6. Ainda duas breves notas relativas à aclimação das caneleiras. A primeira prende-se com o facto de se terem produzido entre nós, com curto espaço de tempo a separá-las, duas outras obras sobre o mesmo assunto. Isso mesmo é confirmado na introdução do editor Frei José Mariano da Conceição Veloso à *Memoria sobre a cultura do Loureiro Cinamono, vulgo Canelleira de Ceilão, que acompanhou a remessa das plantas da mesma feita de Goa para o Brazil pelo Illustrissimo Francisco da Cunha Menezes, então Governador, e Capitão General do Estado da India*. O naturalista franciscano pretendia, com esta

³² Cfr. *Livro de Registo dos Decretos (1797)*, MCUL.

³³ Natural de Minas Gerais. Bacharel em Matemática e em Filosofia Natural. Lente na Academia Real de Marinha entre 1791 e 1801. Partiu para o Brasil em 1804, morrendo no Rio de Janeiro depois de ocupar altos cargos científicos e políticos na colónia e, mais tarde, no novo país. Autor de vários textos de história natural e de matemática (Cfr. Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, t. VI, 1862, pp. 7-8).

³⁴ O manuscrito consta do Catálogo da Biblioteca do Museu da Ajuda com a seguinte designação: “*Memoria sobre o cinamomo, chamado Canella de Ceilão, por Manoel Jachinto Nogueira da Gama, um folheto em oitavo*” (Cfr. *Autos do Inventario...* ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, “Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843”).

³⁵ Manuel Jacinto Nogueira da Gama, *Memoria sobre o loureiro cinnamomo vulgo caneleira de Ceylaõ. Para acompanhar a remessa das plantas, que pelas reaes ordens vão ser transportadas ao Brasil*, 1797, pp. 8 e 33.

publicação, colaborar utilmente no projecto orientado pelo seu novo protector na Corte, o futuro Conde de Linhares, e dedicava-a ao Príncipe Regente, D. João, explicando que: “Esta Memoria, Senhor, he a terceira sobre este assumpto, bem que anteceda na época da sua composição às outras duas, que V. Alteza Real lhes manda distribuir”³⁶.

Creemos que a terceira obra citada seja certamente a do médico Bemardino António Gomes (1768-1823), de que se conhece a versão manuscrita com o significativo título de *Observações sobre a Canella do Rio de Janeiro escritas a rogo do Senado da Camara da mesma cidade. Em 8 de maio de 1798*³⁷.

7. A segunda nota é um comentário final que se impõe fazer ao circuito de informação e de produção naturalista que acabamos de ilustrar com os exemplos do tabaco e da canela, mas que poderia ser alargado a muitos outros casos documentados no *Livro de Registo dos Decretos*³⁸. Ou seja, comprova-se que os estabelecimentos museológicos da Ajuda, no período em estudo, são encarados pelo Poder como um lugar de excelência botânica para onde confluem muitos dos projectos governamentais de desenvolvimento económico do Reino e suas Colónias mas que, paradoxalmente, os recursos técnicos (incluindo as limitações de espaço), financeiros e humanos disponíveis não são de molde a satisfazer

³⁶ 1798, pp. 1-9. Na mesma introdução explicará as virtudes médico-económicas da canela do seguinte modo: “O objecto principal da remessa da planta da Canéla he procurar o seu estabelecimento nas Colonias da America Portugueza, para lhe augmentar mais este ramo de comercio, tão procurado na Europa, com a brevidade da sua exportação: ou seja da Canéla fina para uso das mezas esplendidas: ou da grossa para o consummo das tintas ãas manufacturas dos tecidos”. Nesse mesmo ano, mas em officina tipográfica diferente, frei Veloso fará publicar também a *Memoria sobre a cultura, epreparação do Girofeiro Aromatico vulgo Cravo da India*, 1798. Nos anos seguintes, e com temática naturalista semelhante, publicará: *Naturalista instruido nos diversos methodos antigos e modernos a ajuntar, preparar e conservar as produções dos tres reinos da natureza, colligidos de diferentes authores*, Reino Animal I Tomo, 1800 [Trata do reino animal]; e *Instrucções para o transporte por mar de arvores, plantas vivas, sementes, e de outras diversas curiosidades naturaes*, 1805.

³⁷ Inocência F. da Silva (*ob. cit.*, I.1, p. 361) informa que: “Affirma-se que sahira impressa no Rio de Janeiro, por ordem do Governo, uma *Memoria* por elle escripta sobre a canella, a qual não vi, nem sei mesmo onde exista algum exemplar”. Existe efectivamente um exemplar manuscrito na Biblioteca do Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

³⁸ Bem ilustrativo do interesse económico colocado pelo Poder nas actividades naturalistas da Ajuda é a seguinte comunicação do ministro da Marinha, Sousa Coutinho, ao vice-director, A. Rodrigues Ferreira: “(...) o Inspector do Arsenal Real da Marinha hade remetter para o Real Museo huns Cazulos de Aranhas que vierão do Maranhão, afim de que se a porção da tal Seda for grande, que s.mce mande examinar se seria boa para fabrico de chapeos. Secretaria de Estado em 13 de Agosto de 1799” (*Livro de Registo dos Decretos*, MCUL).

plenamente a eficácia política pretendida, razão pela qual os profissionais recorrem à prestante colaboração de outros naturalistas, aqui plenamente comprovado com o decisivo protagonismo dos amadores Joaquim de Amorim Castro, José Francisco Correia da Serra, Manuel Jacinto Nogueira da Gama, Bernardino António Gomes e José Mariano da Conceição Veloso³⁹.

Mas, encarado de outro prisma, este fenómeno poderá também comprovar o forte poder de atracção exercido pelo Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda entre os cultores da moda do coleccionismo e estudo dos produtos da Natureza, matéria sobre a qual - nesta segunda metade de setecentos - se estabeleciam fáceis consensos entre Poder, Ciência e Sociedade. O exemplo que a seguir se transcreve bem poderia servir de prova a esta asserção: “O Ill. mo e Ex. mo S.or Visconde de Anadia manda remetter ao S.or Domingos Vandelli os dois Ensaios inclusos, sobre a Quina, e sobre outras Plantas novamente descobertas no Piahy, parte das quais forão já enviadas a S. M.ce pelo Naturalista Vicente Jorge Dias Cabral; e as Relações das madeiras, remettidas do Maranhão, e Piahy. Secretaria de Estado em 13 de Outubro de 1802”⁴⁰.

Bibliografia

ALEXANDRE, Valentim - *Os sentidos do Império. Questão nacional e questão colonial na crise do antigo regime português*, Lisboa, Dissertação de Doutoramento (dactilog.), 1988.

ALMEIDA, Luís Ferrand de - “Aclimação de plantas do Oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII”, *Revista Portuguesa de História*, t. XV, Coimbra, 1975, pp. 339-481.

Annuncios ruraes a favor da agricultura do reino, e colonias, Lisboa, 1802.

³⁹ O *Livro de Registo dos Decretos* documenta igualmente a colaboração de outro naturalista amador que envia de Minas Gerais uma *Memoria* e amostras de cobalto: “Remetiô a V. M.ce com esta a Memoria de Jose Vieira do Couto sobre as Minas de Cobalto, e a chave do cofre, em que vem amostras delia, mandadas pelo mesmo Naturalista; e fico esperando pela Memoria; que V. M.ce me prometteo sobre o modo de tirar partido, em utilidade da Real Fazenda, e do Estado, da descoberta das referidas Minas. 27 de Junho de 1806. Visconde de Anadia. S.or Domingos Vandelli.” José Vieira do Couto (1762-1811) era formado em Matemática e foi Lente em Coimbra; autor de outra *Memorias* sobre os recursos minerais do Brasil (Cfr. Inocêncio F. da Silva, *ob. cit.*, t. V, pp. 157-158).

⁴⁰ *Livro de Registo dos Decretos...*, MCUL. Referência no Catálogo da Biblioteca do Museu: “N. 32 *Ensaio Botânico d’alguma plantas da parte inferior do Piahy, acrescentadas com varias madeiras finas, e de construcção para navios, por Vicente Jorge Dias Cabral Anno de 1801*” (Cfr. *Autos do Inventario...*, ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, “Academia Real das Ciências. Officios. 1837-1843”).

- CARVALHO, Augusto da Silva - *O abade Correia da Serra*, Lisboa, Sep. do t. VI, Classe de Ciências das Memórias, Academia das Ciências de Lisboa, 1948.
- COLLINS, Francis - *Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypt, etc., from 1796 to 1801*, Londres, Richard Phillips, 1809.
- CORNIDE Y SAAVEDRA, José - *Estado de Portugal en el Año de 1800*, Madrid, Real Academia de la Historia, 1893, 3 vols..
- “Cartas inéditas de Joseph Andrés Comide y Saavedra a Joseph López de La Torre Ayllón y Gallo (1799)”, in Fidelino de Figueiredo - *Viajantes espanhoes em Portugal Textos do sec. XVIII*, Separata do Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, LXXXIV, São Paulo, 1947, pp. 31-105.
- FERREIRA, João Pedro Rosa - *O jornalismo na emigração. Ideologia epolítica no ‘Correio Braziliense’(1808-1822)*, Lisboa, I.N.I.C., 1992.
- GAMA, Manuel Jacinto Nogueira da - *Memoria sobre o loureiro cinnamomo vulgo caneleira de Ceylaõ. Para acompanhar a remessa das plantas, que pelas reaes ordens vaõ ser transportadas ao Brasil*, Lisboa, Na Officina Patriarcal, 1797.
- JOBIM, Leopoldo Collor - “Os jardins botânicos no Brasil colonial”, *Bibliotecas, Arquivos e Museus*, vol. 2, n.º 1, Janeiro/Junho 1986, pp. 53-120.
- LAPA, José Roberto do Amaral - “O tabaco brasileiro no século XVIII. (Anotações aos estudos sobre o tabaco de Joaquim de Amorim Castro)”, *Studia*, n.º 29, Abril 1970, pp. 57-144.
- LIMA, Américo Pires de - *O doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1953.
- “Ainda o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira”, *Anuário da Sociedade Broteriana*, ano XX, 1954, pp. 9-14.
- LIMA, Américo Pires de, e JÚNIOR, J. R. Santos - *Cartas inéditas de epara Brotero*, Porto, Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio, 1944.
- MÓNICA, Maria Filomena - *O tabaco e o poder*, Lisboa, Cotapo/Quetzal Editores, 1992.
- OSÓRIO, Balthazar - “Algumas notas inéditas e pouco conhecidas acerca da vida e obra de Félix d’Avelar Brotero”, *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. V, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1918.
- PALHINHA, Ruy Telles - “Obra e vida de Felix de Avelar Brotero”, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*, t. v, 1947, pp. 351-358.
- PEREIRA, Hipólito José da Costa - “Memoria sobre a viagem aos Estados-Unidos (1798-1801)”, *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. XXI, 1858, pp. 351-365.
- RANQUE, H. - *Lettres sur le Portugal*, Paris, Chez Desenne, 1798.
- SNELDERS, H. A. - “Heinrich Friedrich Link”, in *Dictionay of Scientific Biography*, New York, Charles Scribner’s Sons, 1981, vol. 7, pp. 373-374.